

60 anos do golpe de 1964 | Entrevista com Ricardo Antonio Souza Mendes


60 years since the 1964 coup in Brazil | Interview with Ricardo Antonio Souza Mendes

Ricardo Antonio Souza Mendes*

Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

Entrevista realizada por e-mail, entre outubro e novembro de 2024, pela Equipe Editorial.

* Professor Titular da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de História. Doutor em História Social pela Universidade Federal Fluminense; Mestre em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro; graduado em História pela Universidade Santa Úrsula. E-mail: rasmric5@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0001-9817-9325>

 <http://lattes.cnpq.br/8588855890861557>

Ricardo Antonio de Souza Mendes é Professor Titular de História da América na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. É Investigador Associado do GT da ANPUH e do GrPesq "Direitas, História e Memória" e coordena, junto com Fabrício Medeiros, o Grupo de Estudos "José Luis Romero", cujo foco são as direitas latino-americanas nos séculos XX e XXI.

Atualmente desenvolve trabalhos de pesquisa cujo foco central são as direitas no Cone Sul, abordando aspectos como a memória sobre os regimes civil-militares, representações da imprensa de direita sobre a Revolução Cubana e a cultura política das direitas entre os anos 1960 e 1970. É autor de *Visões das Direitas no Brasil – 1961-1964* (2021) e co-organizador de *Revolução Cubana, ecos, dilemas e embates na América Latina* (2019), com Jean Sales, Tiago Silva e Rafael Araujo.

* * *

As efemérides, de certa maneira, são fruto do confluir entre uma data significativa, a vontade de se discutir sobre os aspectos que dão contorno a esse acontecimento ou processo, e a motivação, em grande medida dada pelo contexto, presente a essa discussão. Quanto a esse último aspecto, o século XXI tem sido potencialmente incentivador, não apenas nas discussões encetadas quando o objeto de pesquisa são as esquerdas. Diria eu que o estímulo principal advém dos estudos sobre as direitas. Observa-se isso, em todo "extremo ocidente", e não apenas no Brasil.

As discussões sobre os sessenta anos da derrubada do governo de João Goulart e do estabelecimento da ditadura civil-militar de 1964 colaboram para que possamos rediscutir, à luz do contexto atual, questões diversas. Embora possa parecer contraditório para o leigo que o presente sirva para se pensar o passado, atualmente já existe um certo consenso acadêmico sobre a questão. Dentro dos estudos sobre a escrita da história já é minoritária a perspectiva de que as fontes falam por si só, como entes vivos e com certa autonomia. Assim, predomina a noção de que o conhecimento sobre um determinado período, evento ou ideias, varia ao longo do tempo em função das questões que são colocadas aos documentos (visuais ou escritos) pelo historiador. Ou seja, a forma de inquirir modifica-se em função das perguntas que são feitas por aqueles que se debruçam sobre o passado e que se modificam por conta do contexto a partir do qual esse historiador escreve. Quanto a esse aspecto, portanto, a perspectiva traçada sobre "o que já se foi" varia não apenas em função do lugar de fala, da trajetória do historiador, mas também do momento em que determinadas questões são elaboradas para inquirir o tempo passado.

Nesse sentido, o contexto atual é significativamente rico para se refletir sobre 1964 e os mais de 20 anos de ditadura. O desenrolar dos anos 1990 foi o momento no qual ganhou

força uma perspectiva em que várias vozes apregoavam o chamado “fim da história”, na esteira da derrocada do “socialismo real” e da queda do Muro de Berlim, símbolo máximo da Guerra Fria, em função da divisão, em um mesmo país, de dois regimes antagonicamente contrapostos. Esse foi o momento em que se observou, contraditoriamente, o aparecimento de diversos trabalhos de pós-graduação que sinalizaram a permanência de uma série de problemas que haviam sido postos nos debates políticos dos anos 1960, que levaram à polarização política, e que não haviam se encerrado. Dessa forma, asseverava-se a permanência e vitalidade da diáde política direita x esquerda, tal como colocado por Norberto Bobbio (1994). Esse foi o momento em que pesquisas que possuíam por foco as direitas, tiveram uma certa proliferação.

Direitas no plural – essa perspectiva resulta da efetiva constatação de que a diversidade de composição desse segmento do espectro político é um dado que dificilmente pode ser questionado academicamente. Essa diversidade perceptível deve estimular entender-se melhor as diferentes perspectivas, evitando-se as generalizações equivocadas e marcadas por uma simplificação que diz respeito mais à militância política e não à academia, embora se observe presente também nesse segundo ambiente. A título de exemplo, cito rotulações que por vezes enquadram todo o segmento das direitas unicamente pela denominação de conservadorismo, por outras, todas como fascismos. Não se trata de uma preocupação excessivamente formalista e marcada pelo preciosismo taxonômico, mas de uma necessidade efetiva de entender-se as diversidades e os fatores motivacionais que colaboram para o estabelecimento de determinadas aproximações e distanciamentos políticos. De certa forma, foi isso que busquei em minha tese de doutorado, cujo título é *Visões das direitas no Brasil – 1961-1964*, publicada em 2021, onde apresento os diferentes projetos políticos de alguns dos principais atores de 1964.

Outro aspecto relevante, e que grassou expressivamente na produção historiográfica sobre o período pós-autoritário, esteve fundado na insistência em uma perspectiva que considerava que 1964 demarcaria um antagonismo dicotômico fundado na oposição Estado x Sociedade, e que buscou apresentar que a fase inaugurada naquele ano, e que se estendeu até, minimamente, 1988, teria sido fruto tão somente da opressão e do uso da força contra uma sociedade vitimizada e enquadrada, equivocadamente, e de forma proposital, como coesa no confronto com a ditadura. Proposital, em função dos interesses políticos em disputa e que encontravam, no âmbito da memória, terreno fértil para o seu desenvolvimento. Afinal, todo projeto político enquanto proposta de futuro se funda numa determinada forma de pensar o passado que orienta a ação presente.

Se, a partir do vivido num dado presente, diversas questões podem ser colocadas para se pensar o passado, o inverso é recíproco. Coloco isso tendo como referência a questão que é reiterada na atualidade e que insiste em rotular muito do que diz respeito às direitas como uma novidade. Essa questão já foi, inclusive, objeto de análise em livro de 2014, do qual participei com um artigo. Organizado por Teixeira da Silva, Karl Schuster, Igos Lapsky e Giselda Silva, o título da obra é representativo: *Velhas e novas direitas – a atualidade de uma polêmica*.

Algumas características, estratégias e perspectivas são específicas ao século presente, dentre as quais o uso de recursos virtuais como estratégia de disseminação de ideias e de organização. No entanto, cabe inquirir se suficientes para se rotular essa direita como nova ou se o fenômeno diz respeito ao que alguns denominam por “ressurgência”.

Outras características, por sua vez, que são apresentadas como novas, de fato tratam-se de uma retomada da presença das direitas no espaço público e com protagonismo. A mobilização social, por exemplo, é algo que esteve presente nos anos 1960, ainda que a própria ditadura tenha buscado desmobilizá-la depois de sua chegada ao poder. Outra questão recorrentemente apontada como parte de uma nova direita diz respeito à centralidade da questão cultural. No meu entendimento, ambas as questões merecem atenção dos pesquisadores. Quanto à primeira, não apenas o Brasil, mas também em diversos países da América Latina, foram cenários de ampla mobilização das direitas na sociedade. De outro lado, a temática cultural esteve presente, ainda que não necessariamente de forma protagônica. Além disso, em termos historiográficos, essa questão não foi privilegiada. O denominado “poder psicossocial”, um dos quatro poderes estratégicos dentro da concepção de Doutrina de Segurança Nacional, que orientou boa parte das ditaduras dos anos 1960/1970 (Comblim, 1979; Herrera, 1981; Valdez, 1981; Rouquié, 1982) esteve presente não apenas nos trabalhos de militares, mas também de civis. Dou aqui dois exemplos: os filmetes produzidos pelo IPÊS e os romances elaborados por Ferdinando de Carvalho: *Os Sete Matizes do Vermelho* e *Os Sete Matizes do Rosa*. Analisei os filmetes em meu trabalho acima citado sobre as direitas. Já os “romances” foram objeto de análise em artigo publicado pela *Revista Maracanan* (2020).

Contextos de polarização política têm demonstrado, por sua vez, que são demarcados por uma adesão efetiva de setores conservadores a segmentos da extrema-direita, questão já alertada nos escritos de Sandra McGuee (2005) sobre as direitas no Cone Sul nos anos 1920/30. No entanto, isso pode ser percebido também em outros dois momentos históricos: nos anos 1960/70 e, no presente século, nos anos finais da década de 2010 e ao longo da seguinte. Também nesses contextos, observa-se uma importante capacidade de mobilização social em cenários de polarização política, não apenas nas esquerdas, mas igualmente dentre as direitas. Assim, pode ser conjecturado se essas questões – polarização, aproximação entre setores conservadores e extrema-direita e ampliação da capacidade de mobilização desses segmentos –, não estão intimamente relacionadas. Essa, inclusive, é uma questão posta por Romero, quando da elaboração de sua obra seminal sobre as direitas na América Latina publicada em 1970.

Por último, uma questão igualmente polêmica: ditadura militar ou civil-militar? Estudos recentes apontam para uma efetiva participação empresarial não apenas nas questões econômicas, mas igualmente envolvidos diretamente na repressão. A presença da elite política civil de forma efetiva em diversos governos do período em questão (1964-1988), não é algo que possa ser desprezado ou minorado. Além disso, ainda que os rumos da ditadura tenham sido pautados pela Doutrina de Segurança Nacional, essa influenciou e foi influenciada por políticos, empresários e intelectuais (Cunha, 2019; Mendes, 2021; Basualdo; Campos, 2020).

Referências

Fontes

Obras Audiovisuais

AN-RJ. Arquivo Nacional – Rio de Janeiro, Coordenação de Documentos Audiovisuais e Cartográficos, Seção de Documentos Sonoros e de Imagens em Movimento, QL/FIL 001; QL/FIL 014, 1962-1964. Conjunto de treze filmes produzidos pelo IPÊS em VHS 136.

Bibliografia

BASUALDO, Victoria; CAMPOS, Pedro Henrique Pedreira (Orgs.). Ditaduras, empresas e transformações econômicas e trabalhistas na América do Sul durante a Guerra Fria [Dossiê]. *Revista Continentes*, ano 8, n. 16, jan.-jun. 2020.

BOBBIO, Norberto. *Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política*. Tradução Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Ed. UNESP, 1995.

CUNHA, Diogo. *A Academia Brasileira de Letras durante a ditadura militar: os intelectuais conservadores entre cultura e política*. Rio de Janeiro: Appris, 2019.

DEUTSCH, Sandra McGee. *Las Derechas: La extrema derecha en la Argentina, el Brasil y Chile*. Buenos Aires: UNQ, 2005.

HERRERA, Genaro Arriagada. *El pensamiento político de los militares*. Sevilla: Aconcagua, 1986.

MENDES, Ricardo A. S. *Visões das Direitas no Brasil – 1961-1964*. Rio de Janeiro: Multifoco; FAPERJ, 2021.

MENDES, Ricardo A. S. O nacionalismo de extrema-direita de Ferdinando de Carvalho. *Revista Maracanan*, PPGH/UERJ, Rio de Janeiro, n. 27, p. 261-286. DOI: <https://doi.org/10.12957/revmar.2021.52820>.

MENDES, Ricardo A. S. Ditaduras civil-militares no Cone Sul e a Doutrina de Segurança Nacional – algumas considerações sobre a Historiografia. *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 5, n. 10, p. 6-38, 2013. DOI: <https://doi.org/10.5965/2175180305102013006>.

MENDES, Ricardo A. S.; SALES, Jean; ARAUJO, Rafael; SILVA, Tiago (Orgs.). *Revolução cubana, Ecos, Dilemas e Embates na América Latina*. Aracaju: IFSE, 2019.

ROMERO, Jose Luis. *El Pensamiento político de la derecha latinoamericana*. Buenos Aires: Paidós, 1970.

ROUQUIÉ, Alain. *O Estado Militar na América Latina*. Rio de Janeiro: Alfa-Omega, 1984.

SCHURSTER, Karl; *et al.* *Velhas e novas direitas: a atualidade de uma polêmica*. Recife: EDUPE, 2014.